

CICLO DE CINEMA
E CONVERSAS

18 MAI 17:00



MODOS DE REVER

HISTÓRIA(S) DA ARTE NO CINEMA

QUATRO

SESSÃO 04

18 MAI, 17:00

Conversa com João Botelho.

QUATRO, 2014

Realização: João Botelho

Produção: Maria João Mayer

Direção de fotografia: João Ribeiro

Montagem: Maria Joana Figueiredo

Música: Luís Tinoco

Direção de som: Elsa Ferreira e João Eleutério

Com: João Queiroz, Jorge Queiroz, Pedro Tropa e Francisco Tropa

Produção: Filmes do Tejo II

Cópia: 16:9, a exibir em formato DCP

Duração: 100 minutos

País: Portugal

La rencontre de deux disciplines ne se fait pas lorsqu'une se met à réfléchir sur l'autre, mais lorsque l'une s'aperçoit qu'elle doit résoudre pour son compte et avec ses moyens propres un problème semblable à celui qui se pose aussi dans une autre.

Gilles Deleuze, "Le cerveau, c'est l'écran" (Cahiers du Cinema, 1986)

Desde sempre que o cinema se constituiu como uma variante do museu imaginário, ou como um museu sem paredes usando a definição de André Malraux.

Do mesmo modo que o visitante de um museu passeia pela exposição contemplando as obras de arte, também através deste ciclo se pretende propôr que o espectador possa fazer um percurso por filmes que já são em si mesmos um passeio pela(s) história(s) da arte e por ela contaminados. Tal como temos obras que fazem parte do nosso museu imaginário, também temos filmes que fazem parte do que seria a nossa cinemateca imaginária. No seu seminal livro *Ways of seeing*, John Berger refere que *olhar é sempre um acto de escolha (...); não olhamos apenas para uma coisa; estamos sempre a olhar para a relação entre as coisas e nós próprios*. Esta é uma questão central que atravessa os filmes sobre arte ou artistas: será possível, através de um filme, redefinir a relação do espectador com o acto de ver uma obra de arte?

Na reflexão que se propõe através deste ciclo, o filme é entendido como uma máquina de agenciar outras artes. Significando isto que os filmes, ao estarem ligados a coisas, a matérias, a realidades várias, podem, através dessa ligação física com o real, possibilitar novas descobertas quer conceptuais, quer sensíveis. É

conhecida a citação de Luís Buñuel "espero de um filme que ele descubra qualquer coisa por mim".

Em Portugal, foram realizados durante um período de pouco mais de meio século, mais de 150 filmes sobre arte e/ou artistas, tendo-se assistido a um crescimento exponencial destes filmes a partir dos anos 90 como consequência da democratização permitida pelo digital, também no campo da recepção. Ao longo deste ciclo serão apresentados filmes realizados sobre artistas portugueses, em diferentes períodos, mas também filmes realizados em diversos momentos da história do cinema e da arte por cineastas de diferentes origens e gerações que, ligados embora pelo desejo de cinema, enunciaram diversos modos de pensar e de olhar a arte. Assim, os filmes escolhidos respondem de diferentes modos aos problemas que se levantam com a passagem da obra de arte ao cinema.

Nas várias sessões procuraremos responder, entre outras, às seguintes questões: Como se faz o retrato de um artista e da sua obra através do cinema? Como se traduz, como se transportam os códigos de uma linguagem para a outra? Qual é a fronteira entre ficção e documentário na abordagem à obra dos artistas? De que modo a obra de um dado artista influencia os modelos de construção da imagem? Pode o cinema como dispositivo de visibilidade, como forma que pensa, ser uma hipótese de museu sem paredes?

Modos De Rever: Histórias(s) da arte no cinema propõe, assim, ao longo de um ano e de uma série de sessões de cinema e de diálogos com realizadores, artistas, críticos de arte e de cinema, a construção de um pensamento sobre as imagens

que possa reflectir, a partir de diferentes abordagens cinematográficas, sobre os diálogos experimentais e ekfrásticos entre o cinema e a arte.

O mote para este ciclo partiu dos três filmes que Manoel de Oliveira realizou em torno de artistas e obras de arte ao longo de meio século: “O Pintor e a Cidade” (1956), “As Pinturas do meu Irmão Júlio” (1965) e “Os Painéis de São Vicente de Fora, Visão Poética” (2010). Estes filmes, diversos na sua abordagem ao fenómeno artístico, mostram como Oliveira admirava os artistas e evidenciam a relação do seu cinema com a pintura ao nível quer da construção do plano quer da construção do objecto. “O Pintor e a Cidade” de 1956 é um exemplo maior e um marco nos filmes sobre arte realizados em Portugal, tendo

sido um dos primeiros a abordar o universo das artes e a inaugurar um novo tipo de abordagem neste campo por revestir características que o distinguem face à demais filmografia congénere, estabelecendo um determinado número de pressupostos que iremos encontrar futuramente nos grandes exemplos do género que se lhe seguiram.

É minha convicção que um filme sobre um artista pode despertar no espectador a curiosidade por uma obra e pode mesmo avançar pistas para o seu entendimento, fornecendo-lhe ferramentas para a sua compreensão, mas não pode jamais ter a pretensão de explicar uma obra de arte, porque é sempre um caminho em aberto o da sua descoberta.

Isabel Lopes Gomes

NOTA DE INTENÇÕES

Como filmar arte? Com a demolição das fronteiras a resposta a esta pergunta quilométrica é provavelmente obscura. O cinema é vampírico das outras artes, eu sei, redutor das outras artes, também sei, mas é possível com paciência, essa virtude tão maltratada hoje, não inventando nem deformando, estabelecer entre o artista e a “coisa criada”, novas e profícuas relações. Que da superfície lisa do cinematógrafo nos chegue o relevo ressuscitado da obra, antes enclausurada na sua misteriosa aparência. O cinema nunca será o verdadeiro da escultura, nem o verdadeiro da pintura, do desenho ou da fotografia. Não há arte sem transformação. As imagens e os sons, como as palavras das gramáticas, ganham força e valor pela sua posição e relação. Pela luz que ilumina os objetos, a natureza, as pessoas, pelos sons ou pelas vozes que inundam as imagens. Mortas na película serão ressuscitadas como flores na água, quando desfilarem no ecrã diante dos nossos olhos e ouvidos. Não tentar decifrar tudo, que a arte não é para entender, mas arrancar alguns fios e estendê-los, como na trama de um romance. É possível filmar o vento invisível através da água que ele esculpe passando. Olhos que veem, antebraço, braço, mãos, dedos que executam as ordens que vêm da memória do saber e da inteligência que normalmente se alojam no cérebro. Eis os artistas, recoletores, pontificadores, circunvaladores: Francisco Tropa e o seu irmão mais novo, Pedro. João Queiroz e o seu irmão mais novo Jorge. Quatro lados de um quadrado notável. Eles escavam, minam, erguem. Ao mesmo tempo fossos e pontes, ao mesmo tempo proteção e acesso.

As pinturas extraordinárias de João Queiroz estendem-se maravilhosamente por todo o espaço térreo da Culturgest. O

Jorge Queiroz que vive desde 2004 em Berlim, expôs os seus desenhos inigualáveis em Lisboa. O jovem Pedro, o alpinista, subiu aos topos das montanhas para, sem fôlego, tocar as nuvens e explodir em fotografias impossíveis e desenhos desesperados.

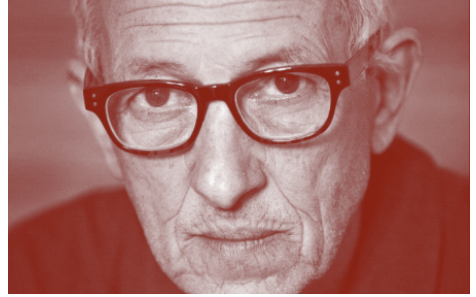
Em Veneza com vidro e em Vila Nova de Gaia com bronze Francisco Tropa fixa em materiais tão extremos as suas ideias, as suas notáveis esculturas. Vamos filmá-los, a eles, ao seu trabalho, às suas estranhas (e delicadas) maneiras, e sobretudo, às suas obras. Pequenos filmes para memórias futuras, mas áreas cósmicas, diálogos sem razão, sentimentos, sons, organismos em que a vida pulsa e a arte se revela.

João Botelho, maio 2014



ISABEL LOPES GOMES

Nasceu em 1976. É Doutoranda na Universidade de Coimbra no Colégio das Artes, no Doutoramento em Arte Contemporânea, e membro do CEIS 20 – Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX. Realizou documentários sobre artistas, entre os quais: *Arte Vida / Vida Arte - Alberto Carneiro* (2013); *Spiritual Exercises - Bosco Sodi* (2014); *Rua José Escada - José Escada* (2015) e *Pintar a Ideia - Manuel-Casimiro* (2018). Em 2024 irá estrear o seu último documentário - *Retrato de Ausência* - sobre a obra do artista Nikias Skapinakis. Realizou e apresentou diversos magazines culturais exibidos na RTP: ZOOM; Estação das Artes; Documentários sobre a Bienal de Veneza e o Photo Espanha assim como a Série Design PT exibida em 2015 na RTP2. Foi curadora em 2019 da exposição: *Da história das imagens* (o fotográfico na obra de Manuel Casimiro) apresentada no Museu Arpad Szenes - Vieira da Silva.



JOÃO BOTELHO

João Botelho é um cineasta português, nascido em 1949. A sua longa-metragem de estreia, *Conversa Acabada*, teve a estreia mundial no Festival de Cannes em 1982. Depois, *Um Adeus Português* (1985) e *Tempos Difíceis - Este Tempo* (1988), uma adaptação de *Hard Times* (1854) de Charles Dickens para o contexto português, alcançou o prémio FIPRESCI em Veneza. Botelho revisitou as obras de Almeida Garrett em *Quem És Tu?* (2000), que lhe granjeou o prémio da Fundação Mimmo Rotella em Veneza, de Diderot em *O Fatalista* (2005), de Agustina Bessa-Luís em *A Corte do Norte* (2008), assim como de Pessoa em *Filme do Desassossego* (2010). Inspirado pelo clássico homónimo de Eça de Queirós, o seu filme de 2014 *Os Maias* foi o filme português mais visto nos cinemas nesse ano, ultrapassando a marca dos 100.000 espectadores. Realizou *O Cinema, Manoel de Oliveira e Eu* (2016), a sua carta de amor a Manoel de Oliveira, e dois anos depois estreou o drama histórico *Peregrinação* (2018). Na sua carreira com mais de 40 anos, os seus filmes foram exibidos regularmente em Cannes, Roma, Veneza, Berlim, Belfort, entre outros festivais, tendo recebido diversos prémios. Mais recentemente, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (2020) adapta o icónico romance de José Saramago.

PRÓXIMAS SESSÕES

22 JUN | SÁB | 17:00

Conversa com João Sousa Cardoso, professor, cineasta e crítico de arte, e Fátima Lambert, professora de estética e curadora.

O SOL DO MARMELEIRO

Victor Erice | ESP | 1992 | 140'

20 JUL | SÁB | 17:00

Conversa com João Mário Grilo, cineasta, professor e ensaísta, e Rita Novas Miranda, professora e investigadora.

PASSION

Jean-Luc Godard | FRA | 1982 | 88'

SCÉNARIO DU FILM PASSION

Jean-Luc Godard | FRA | 1983 | 53'

www.serralves.pt

 /fundacao_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto – Portugal

serralves@serralves.pt

Linhas gerais:
(+351) 808 200 543
(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede
fixa nacional.



Apoio institucional

